

FIDELINO DE FIGUEIREDO:

TRAVESSIAS
ESTUDOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Esta publicação é financiada, no Brasil, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e, em Portugal, por Fundos Nacionais, através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto com a referência FIL/00502.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Santos, Rita Aparecida Coelho dos. / Natário, Maria Celeste. /
Epifânio, Renato / Malato, Luísa (Orgs.)

Fidelino de Figueiredo: travessias - estudos de filosofia e literatura /
Rita Aparecida Coelho dos Santos / Maria Celeste Natário /
Renato Epifânio / Luísa Malato (Orgs.)

/ Campinas, SP : Pontes Editores, 2016

Bibliografia.

ISBN 978-85-7113-796-7

1. Literatura - estudos literários 2. Crítica e interpretação
3. Teoria da literatura I. Título

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura - estudos literários - 869b
2. Crítica e interpretação - 869.3
3. Teoria da literatura - 869.3



FIDELINO DE FIGUEIREDO:

TRAVESSIAS
ESTUDOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Rita Aparecida C. dos Santos

Maria Celeste Natário

Renato Epifânio

Luísa Malato

(Orgs.)

Pontes

Copyright © 2016 - dOs organizadorEs representantes dos colaboradores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração e capa: Eckel Wayne

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Suzete Silva

(UEL - Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-056

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
Maria Luísa Malato	
APRESENTAÇÃO.....	17
DOIS LIBERALISMOS? RAZÃO E MODERNIDADE EM FIDELINO DE FIGUEIREDO E JOSÉ GUILHERME MERQUIOR	19
Adriano Lima Drumond	
O MEDO DA HISTÓRIA E AS PALAVRAS QUE CONVENCEM DEMAIS EM FIDELINO DE FIGUEIREDO	31
Ana Catarina Milhazes	
“VIDA NÃO TEM ANTÔNIMO”: DIÁLOGOS LITERÁRIOS E FILOSÓFICOS NA OBRA <i>ENTRE DOIS UNIVERSOS</i> , DE FIDELINO DE FIGUEIREDO	41
Andréa do Nascimento Mascarenhas Silva	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E “...UM POBRE HOMEM DA PÓVOA DE VARZIM...” (EÇA DE QUEIRÓS).....	57
Antonio Augusto Nery	
FIDELINO DE FIGUEIREDO: NOTAS PARA UMA EDUCAÇÃO DE PORTUGAL.....	65
Artur Manso	
ANÁLISE À OBRA <i>MÚSICA E PENSAMENTO</i> DE FIDELINO DE FIGUEIREDO	85
Carlos Mota	
FILOSOFIA E LITERATURA EM FIDELINO DE FIGUEIREDO: ESPECULAÇÃO E CONHECIMENTO.....	89
Celeste Natário	
O DIÁLOGO DE FIDELINO DE FIGUEIREDO COM DELFIM SANTOS.....	99
Cristiana de Soveral e Paszkiewicz	

PARENTHESIS (ANTI-) GEOGRÁFICOS. ASPECTOS GEOFILOSÓFICOS EM FIDELINO DE FIGUEIREDO E THOMAZ POMPEU SOBRINHO	109
Dirk Michael Hennrich	
NÓTULAS SOBRE FIDELINO DE FIGUEIREDO, FICCIONISTA.....	117
Elisa Gomes da Torre	
UMA EXPERIÊNCIA ENTRE LIVROS: FIDELINO DE FIGUEIREDO NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA.....	133
Elizabeth Gonzaga Lima	
ENTRE A <i>LUTA PELA EXPRESSÃO</i> E A ALEGORIA DA CAVERNA.....	147
Fernanda Moura Pinto	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E DELFIM SANTOS: OS TESTEMUNHOS EPISTOLARES DE UMA AMIZADE	165
Filipe Delfim Santos	
“MÚSICA E PENSAMENTO”: ACERCA DA APRECIÇÃO MUSICAL NO ENSAIO “MANEIRAS DE OUVIR MÚSICA” DE FIDELINO DE FIGUEIREDO	175
Flávio Reis	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E O CONTRIBUTO PARA A FILOSOFIA DA CULTURA.....	189
Giancarlo de Aguiar	
UM MESTRE E SUA DISCÍPULA: FIDELINO DE FIGUEIREDO E CLEONICE BERARDINELLI	195
Gilda Santos Paulo Motta Oliveira	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E A HISTORIOGRAFIA DA CRÍTICA LITERÁRIA	209
Hélio J. S. Alves	
FIDELINO DE FIGUEIREDO, LEITOR DE GOMES LEAL.....	219
Henrique Marques Samyn	

HONRAR FIDELINO DE FIGUEIREDO: EM DEFESA DO ENSINO DA LITERATURA (PORTUGUESA NO BRASIL).....	229
Isabel Pires de Lima	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E OS PRIMÓRDIOS DA LITERATURA COMPARADA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	241
José Cândido de Oliveira Martins	
DA IMPORTÂNCIA DE FIDELINO DE FIGUEIREDO PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS NO BRASIL ATUAL	257
Luciene Marie Pavanelo	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E OS PROLEGÓMENOS PARA UMA FILOSOFIA DA LITERATURA	267
Manuel Cândido Pimentel	
O DISCURSO ÉPICO SEGUNDO FIDELINO DE FIGUEIREDO	281
Márcio Ricardo Coelho Muniz	
PERCEÇÕES DE ALMADA NEGREIROS EM FIDELINO DE FIGUEIREDO: JÚLIO DANTAS E <i>O MANIFESTO</i>	291
Maria João Carvalho	
A «GRANDE MÚSICA» - REFLEXO E CONSTRUÇÃO DO HOMEM TOTAL	301
Maria José de Figueiroa-Rego	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E RAUL XAVIER: SOB A CINZA DO TÉDIO	319
Maria Leonor Xavier	
FIDELINO DE FIGUEIREDO E OS AVATARES DA LITERATURA COMPARADA	339
Maria Luísa Malato	
AS TESES CENTRAIS DE FIDELINO DE FIGUEIREDO NAS SUAS HISTÓRIAS DA LITERATURA.....	365
Maria Manuela Brito Martins	

FILOSOFIA CRÍTICA DE INTEGRAÇÃO E CONSCIENCIALISMO EM FIDELINO DE FIGUEIREDO: TÓPICOS INTERPRETATIVOS DE UM PERCURSO 395

Mário Carneiro

FIDELINO FIGUEIREDO – CRÍTICO LITERÁRIO (1910 – 1939)..... 411

Miguel Real

FIDELINO DE FIGUEIREDO, UM CONSTRUTOR DE PRESENTES:

A BIBLIOFILIA E AS MÚLTIPLAS FACETAS DE UM CRÍTICO 429

Nuno Bessa Moreira

OLIVEIRA MARTINS POR FIDELINO DE FIGUEIREDO 457

Patrícia da Silva Cardoso

FIDELINO DE FIGUEIREDO, DESAFIOS DE UM INTELLECTUAL..... 467

Paulo Ferreira da Cunha

FIDELINO DE FIGUEIREDO E A CULTURA ITALIANA NA *HISTÓRIA*

DA LITERATURA PORTUGUESA: MANUAL ESCOLAR (1918)..... 479

Philippe Simon

FIDELINO DE FIGUEIREDO E O EXISTENCIALISMO:

POR UM NEO-HUMANISMO..... 493

Renato Epifânio

UM ESTÓICO “COLECCIONADOR DE ANGÚSTIAS”:

FIDELINO DE FIGUEIREDO..... 499

Ricardo Vélez Rodríguez

MORTIS COGNITO EM FIDELINO DE FIGUEIREDO:

FIDELINO DE FIGUEIREDO..... 531

Rita Aparecida Coelho Santos

MÚSICA E FILOSOFIA EM FIDELINO DE FIGUEIREDO..... 543

Rui Bertrand Romão

O PROGRESSO CULTURAL NO SENTIDO DA REALIDADE INTEGRAL

DA HISTÓRIA EM FIDELINO FIGUEIREDO 553

Samuel Dimas

SOBRE OS ORGANIZADORES 565

FIDELINO DE FIGUEIREDO E DELFIM SANTOS: OS TESTEMUNHOS EPISTOLARES DE UMA AMIZADE

Filipe Delfim Santos
Instituto de Filosofia Luso-Brasileira

Fidelino de Souza Figueiredo (1888-1967) e Delfim Pinto dos Santos (1907-1966) nasceram com 18 anos de diferença, o primeiro no penúltimo ano do reinado d'el-Rei D. Luís I, o segundo no penúltimo ano do d'el-Rei D. Carlos I – o que pode bem ser considerado um intervalo de uma geração, sobretudo tendo em conta que o mais velho perfez 21 anos (que então se considerava o começo da vida adulta) em 1909, beirando o início da República, e que o mais jovem atinge aquela idade no Portugal já muito diferente de 1928, em vésperas do Estado Novo, quando aliás Fidelino se encontrava no exílio espanhol (desde 1927 até julho de 1929) devido à sua participação na intentona de 12 de agosto de 1927 contra a Ditadura Nacional. Esta intentona, conhecida como o ‘golpe dos Fifis’, fora levada a cabo pela facção condotierista do Exército e visava promover Filomeno da Câmara a ditador e ministro de todas as pastas, com a participação ativa de Fidelino de Figueiredo enquanto Diretor da Biblioteca Nacional (de onde proveio a chacota com o duplo ‘fi’),¹ e com o apoio ideológico do republicano António

1 Não confundir o ‘golpe dos Fifis’, ou a ‘revolta dos Fifis’, com a outra intentona de Filomeno da Câmara, esta de 18 de abril de 1925 e contra a agonizante Nova República Velha; curioso é comparar os *Diário de Lisboa* dos respetivos dias, constatando-se que a censura republicana foi bem mais radical no silenciar dos vestígios da primeira revolta, apagando várias colunas de reportagem e o texto da ‘Proclamação’, quando comparada com a ação da censura da Ditadura perante a segunda, cuja edição saiu sem cortes – no próprio dia 12.08.1927 pode ler-se a notícia da prisão de Fidelino e o relato das circunstâncias diretas que a motivaram.

Ferro, jovem modernista integrante do grupo do *Orpheu*, de quem Fidelino muito se distanciará depois.²

Amnistiado em 1929, Fidelino de Figueiredo viveu então em Portugal durante quase uma década, viajando muito. Com a sua obra pioneira e precursora do comparativismo literário, é o teórico da crítica e o historiador da literatura que irá suceder – em oposição – a Teófilo Braga (1843-1924), num campo em que se haviam destacado igualmente Oliveira Martins (1845-1894), Sampaio Bruno (1857-1915), Moniz Barreto (1863-1896), Albino Forjaz de Sampaio (1884-1949) e Veiga Simões (1888-1954), entre outros. Irá ensinar no exterior durante a maior parte da sua vida, o que fez dele um dos *scholars* portugueses de mais vasta projeção internacional, quer como lusista, quer como hispanista, em Espanha, no México, nos EUA (em 1931 e em 1937) e no Brasil: em São Paulo desde 1938, com passagem pelo Rio de Janeiro em 1940-1941 e retorno à capital paulista, mas com longas intermitências em Lisboa onde regressará definitivamente em 1951, ano em que morre o Marechal Óscar Carmona (18 de abril), instaurador da Ditadura Nacional contra a qual Fidelino participou no mal gizado golpe de 1927.

Delfim Santos, formado pela Faculdade de Letras do Porto em 1931, será bolseiro da Junta de Educação Nacional e depois do Instituto para a Alta Cultura em Viena, Berlim, Londres e Cambridge. Leitor de Português na Universidade de Berlim a partir de 1937, aí desenvolverá uma intensa atividade de divulgação da cultura e da literatura portuguesas, com destaque para a poesia dos autores do Segundo Modernismo (grupo da *presença*). Publicará vários trabalhos críticos no âmbito da filosofia contemporânea, apresentando ao público português a obra de Martin Heidegger e Nicolai Hartmann. Retorna a Portugal em 1942, tornando-se um dos mais atualizados e informados estudiosos e comentadores da filosofia e da pedagogia europeias contemporâneas.

2 Foi do autor de *Mar Alto* que Fidelino de Figueiredo se afastou, porque do movimento modernista nunca ele esteve perto. Sobre o Serviço de Propaganda criado por Ferro com «*velhos amigos meus*» e sobre a própria ditadura de Oliveira Salazar, veja-se FIGUEIREDO 1940.

Como Fidelino de Figueiredo, que fora antigo examinador da Escola Normal Superior de Lisboa, extinta em 1930, havia permanecido no serviço de exames de Estado do Liceu Normal de Pedro Nunes, viria em 1934 a examinar Delfim Santos em História, quando este contava 26 anos. Tais exames finalizavam o estágio de dois anos de preparação para o professorado liceal e facultavam a entrada na função pública. Ao ver o nome «Delfim Santos» surgir entre os candidatos ao ensino de História e Filosofia, Fidelino deverá ter recordado o seu próprio nome anagramático, «Delfínio», com o qual assinara as suas primeiras produções literárias entre 1905 e 1906, não era ainda sequer nascido Delfim Santos. Apesar de ter composto para si esse anagrama «Delfínio», Fidelino nunca se rendeu à reforma ortográfica que Fernando Pessoa também rejeitaria como «*republicana*» e sempre arcaizou o nome de Delfim para «Delphim».

Lemos na entrada do *Diário* de Delfim Santos de 24 de julho de 1934: «*História – boa prova com Fidelino de Figueiredo*». É devido a esse exame feliz que se inauguram as relações entre ambos, inicialmente cimentadas por laços pessoais como a oferta de livros, a participação do casamento de Delfim Santos e a cumplicidade na impugnação do positivismo e do «*disparateiro nacional*».

Ambos coincidem na docência liceal no Liceu de Gil Vicente em 1935, no primeiro e único ano completo de Delfim Santos como professor efetivo dos liceus portugueses. A partir de 1936, Delfim Santos vai narrando ao seu amigo os sucessos do seu périplo europeu principiado em Viena, sendo aconselhado por Fidelino de Figueiredo a ir para a Alemanha o que, apesar da alegada ininteligibilidade da moderna filosofia alemã para o espírito português, seria um passo mais ou menos inevitável para o seu jovem amigo.

Fidelino não deixa de lhe lembrar igualmente que há que voltar à pátria, e que é nesse retorno que todo o trabalho no exterior encontra justificação e sentido: «*Sim, porque todos temos de regressar...*». Também viria a ser este o entendimento do seu amigo,

que, em 1942, regressaria definitivamente a Portugal. Importante é não só regressar, mas escrever em português, até porque «*o melhor de nós próprios só com a língua materna o poderemos seguramente exprimir*». Por isso Delfim Santos concorda com as palavras de Fidelino, quando este lhe diz que «*tem o dever de [...] publicar também em português e em Portugal. Para adquirir público mais vasto e mais interessado é que terá de os fazer publicar fora do país, mas sempre sem prejuízo da sua edição no país em que nascemos e para cujo progresso mental devemos contribuir*».

Quando este carteio se translada para a América do Sul, no ano de 1938, Fidelino acaba de inaugurar nas terras de Cabral os estudos portugueses em moldes universitários. Sem lugar ainda em Portugal, Delfim Santos pede-lhe então ajuda para publicar no Brasil e para ensinar por lá. Aparentemente a Filosofia não é das especialidades mais requisitadas por terras de Vera Cruz, dado que Fidelino nada lhe proporciona, mas como esta amizade não vive do interesse, as relações entre ambos não serão abaladas por estes fracassos. O Brasil estaria no destino de Delfim Santos, mas em outros termos, como adiante veremos. Mesmo assim, Fidelino está atento e em 1939 envia a Delfim Santos uma extensa resenha da autoria do brasileiro, Euryalo Cannabrava, ao livro que o jovem filósofo português publicara em Berlim no ano anterior, *Situação valorativa do positivismo*, a qual muito agrada ao seu amigo. Premonitoriamente, Fidelino refere uma obra de Hermann Hesse a Delfim Santos, que mais tarde haveria de visitar o escritor alemão na Suíça e tornar-se seu correspondente, articulando depois as suas primeiras traduções em Portugal.

O magistério de Fidelino, inicialmente para uma pequena turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, instituição criada segundo modelos europeus em 1934, acaba por frutificar em discípulos e em vocações: dez anos depois, em 1948, já Fidelino de Figueiredo propõe à Faculdade a criação do Instituto de Estudos Portugueses, que se concretizaria em 1954,

após a sua saída do Brasil,³ aproveitando a visita da ampla delegação portuguesa às Comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo.⁴ Em 1949, por obra de Hélio Simões,⁵ surgia em Salvador o Círculo de Estudos Portugueses, que em 1955 passou a chamar-se Instituto de Estudos Portugueses. Foi a Fidelino e a Simões, um lusista português e um brasileiro, que se deveu a institucionalização dos estudos portugueses universitários no Brasil.⁶

Dá-se então o primeiro encontro *acadêmico* de Delfim Santos com o Brasil (existia já uma relação muito antiga desde a emigração nortenha de suas tias maternas e de alguns dos seus amigos de juventude), igualmente por via de um centro de estudos portugueses e brasileiros, desta feita o Institut für Portugal und Brasilien in Berlin da então Friedrich-Wilhelms-Universität.⁷ Este instituto berlinense, criado em 1936, apenas dois anos antes da chegada de Delfim Santos à Universidade da capital alemã, fora o último dos dedicados à luso-brasilianística a surgir nas universidades germânicas como fruto de um notável labor científico e cultural de uma geração de pioneiros alemães lusistas e brasilianistas. O interesse pelo mundo lusófono principiara na virada do século em Hamburgo e frutificara depois em Colônia, Aachen e Bona.⁸ Naquele momento Delfim Santos encontra o Instituto *«muito mal entregue a um secretário alemão [Herr Lüher] que estraga tudo»*, mas no âmbito

3 Apesar disso, o noticiário da criação do Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo (ANON. 1954) não faz qualquer referência à ação de Fidelino de Figueiredo, antes atribuindo a iniciativa à Universidade e ao Instituto de Alta Cultura português.

4 O curso inaugural foi dado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, que se deslocara a São Paulo no âmbito daquelas celebrações e o Instituto teve por Presidente Eurípedes Simões de Paula e por Diretor Antônio Augusto Soares Amora.

5 Com quem Delfim Santos viria a corresponder-se a propósito do convite para participar no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em 1959.

6 Já em 1943 fora criado por Afrânio Peixoto, no Rio de Janeiro, o Instituto de Estudos Portugueses, mas sem ligação à universidade – sendo, pois, as iniciativas de Fidelino de Figueiredo e de Hélio Simões as precursoras da criação dos centros universitários de estudos portugueses nas universidades brasileiras: ver AMORA 1994 e PAIVA 2014.

7 Hoje chamada Humboldt-Universität, do nome do seu fundador, Wilhelm von Humboldt, irmão do célebre naturalista, viajante e estudioso da Amazônia, Alexander von Humboldt.

8 Todos estes institutos culturais cessaram as suas atividades em 1945, incluindo o Seminário de Hamburgo fundado em 1908 e aqueles que tinham sido estabelecidos depois. No pós-guerra alguns lusistas alemães continuaram a exercer atividade nos seminários de romanística de diversas universidades, mas o luso-brasilianismo perdeu a força institucional que usufruía no panorama universitário alemão; ver KALWA 2004, com referências às atividades de Delfim Santos no leitorado berlinense.

das suas responsabilidades como leitor ele prepara uma profunda remodelação: «*neste segundo ano espero dar ao Instituto uma organização séria*».⁹ Cobia-lhe a responsabilidade de ministrar palestras, convidar e receber conferencistas e promover contactos entre o mundo alemão e o lusófono, divulgando escritores contemporâneos de Portugal e do Brasil: «*O que faço por cá? Obrigatoriamente algumas lições por semana sobre poesia contemporânea em Portugal¹⁰ e um curso sobre história e colonização do Brasil. Além disto, cursos de língua portuguesa*». É assim que Delfim Santos renova o seu interesse pelo Brasil, a partir do seu leitorado na capital alemã: terá de familiarizar os alemães com um Brasil literário e intelectual do qual ele próprio pouco conhece, conforme se queixa a Fidelino de Figueiredo: «*eu mesmo desconheço muito da vida intelectual do Brasil*».¹¹ Devido ao exemplo do seu amigo, Delfim Santos entusiasma-se com a ideia de trocar o sufocante leitorado de Berlim, com as suas condições duríssimas desde o início da guerra, por um posto de professor de Filosofia na Faculdade da jovem Universidade paulista. Confidencia a Fidelino o desejo de se juntar a esses mestres europeus que tinham ido para a grande metrópole sul-americana criar uma universidade de tipo francês. Trata-se da primeira tentativa documentada da longa e infrutífera busca de Delfim Santos por uma cátedra universitária na área filosófica.

Quando, contra a sua vontade, Delfim Santos regressa a Portugal no verão de 1942, tem cada vez menos esperanças de se transferir para o Brasil. Dois anos depois é a vez de Fidelino de

9 Em carta de D. S. para Luís Cardim de 19.12.38, SANTOS 1998, n. 125.

10 Delfim Santos apoiou o grupo de jovens seus coetâneos da revista *presença* que tinham sido seus discípulos durante a licenciatura no Porto, no caso de Adolfo Casais Monteiro, e conviventes durante o seu estágio em Coimbra, no caso de João Gaspar Simões. Por alturas desse estágio já José Régio estava em Portalegre, mas mantinha quarto e contactos em Coimbra, cf. carta de D. S. a José Marinho, SANTOS 1998, n. 53, de ago./set. 1956: «*Quis escrever ao Reis Pereira [...] (h)á na poesia alemã muita coisa que lhe interessaria*» [...] «*De todas as revistas só naturalmente a Presença nos pode interessar*». Também escreve a Gaspar Simões, *ibid.* n. 68, de 19.11.37: «*Em breve far-se-á a encomenda da coleção da 'Presença' [...]. Nada encontrei aqui da nossa geração e vou suprir largamente essa falta. Aliás o ambiente é grandemente favorável a esse intento*».

11 Situação diferente se registaria alguns anos mais tarde, quando os rotários de Lisboa convidam Delfim para uma palestra sobre «*qualquer assunto que esteja ligado ao Brasil, por virtude de umas homenagens que desejamos prestar a esse país*», conforme se lê em carta do Conde de CARIA com data de 07.11.52.

Figueiredo ensaiar um primeiro retorno:¹² em 1944 encontram-se ambos em Lisboa e comentam os livros que vão escrevendo e enviando um ao outro. Entram em choque com José Ortega y Gasset, então também a viver em Lisboa, não só pelas dificuldades em entregar-lhe um livro enviado por Ferrater Mora, mas porque Ortega foi realmente mal recebido por ambos.

Em carta de 21.05.1945, Fidelino escreve profeticamente ao seu amigo: «*Desejo-lhe tudo bom, principiando pela saúde e acabando por uma próxima viagem à América do Sul... Não está esquecida essa hipótese*». Como previu Fidelino, a viagem não iria ser propriamente para o Brasil e sim para América do Sul, mais concretamente para a Argentina, ainda que com passagem pelo Rio de Janeiro. Mais quatro anos seriam necessários para este vaticínio se cumprir.

Em junho de 1945 Fidelino está de volta ao Brasil e de novo são aí goradas as expectativas profissionais de Delfim Santos, que em 1948 faz uma viagem à Europa que o deprime, encontrando um mundo que não era mais aquele que ele conhecera no entre guerras. Ainda arrisca pedir uma bolsa para os EUA para o ano de 1949 da qual desiste, aliás prevenido pelo seu amigo de que seria uma escolha errada. Ambos partilham a desconfiança por aquela América triunfante do pós-guerra.

Por razões de saúde, Fidelino regressa definitivamente a Portugal em 1951 e no ano seguinte, a 29 de agosto de 1952, Delfim Santos visita-o no Hospital de Santo António do Porto, onde ele estava internado.¹³ E em 21 de janeiro de 1955 apresenta publicamente, em ato celebrado na casa editora, a obra fideliniana *Música e pensamento*, da qual publica uma resenha cinco dias após aquele evento: aí consagra Fidelino como um «*humanista profundamente humano*», testemunhando-lhe uma «*amizade em convivência tão fundamentalmente envolvente e sugeridora de aperfeiçoamento*» (SANTOS 1955).

12 «*De regresso da América, onde durante anos consecutivos – principalmente nos Estados Unidos e no Brasil – proferiu inúmeras conferências e lições sobre aspetos e problemas da Literatura Portuguesa, encontra-se agora em Lisboa o Prof. Fidelino de Figueiredo*», ANON. 1944.

13 Carta de D. S. a Casais Monteiro de 30.08.52: «*Meu caro Adolfo Sai de Lisboa na quinta, e ontem, sexta, visitei o Fidelino*».

Delfim Santos, após uma década em Portugal em que ia *colecio-nando angústias*, como nos diz na carta de 03.06.1954, irá em agosto desse ano conhecer finalmente o Brasil, onde vive uma revelação e de onde *não consegue voltar* em termos emocionais, segundo nos diz na carta de 25.02.1955. Esta missiva é valiosa e cheia de *inconfidências*, como o próprio Delfim Santos nos diz. Compara a sua vida com a de Fidelino e nela só encontra cansaço e frustração, o fracasso matrimonial, talvez o paternal também. Vê um exemplo de harmonia familiar em Dulce de Figueiredo, esposa e enfermeira dedicadíssima de Fidelino. Um ano depois, em 16.08.1956, insiste em que é alguém que *«já não acredita em muita coisa em que acreditou e se vai ajustando à inevitável resignação produzida pela frustração que nos ameaça, que sempre nos ameaça»*. Fidelino discorda, em carta escrita no dia seguinte: *«Aquele sentimento de melancolia, que se trai na sua carta, não me parece muito legítimo num homem, como o Delphim, que de tal maneira se afirma e brilha[...]»*.

A última carta manuscrita de Fidelino de Figueiredo é de 1955. Em 1956 já aparece uma missiva datilografada. Em 1957 apenas um cartão, de mão distinta, certamente grafado por sua esposa. A partir daqui a voz de Fidelino perde o seu som para Delfim Santos, embora o mais velho apenas venha a falecer de esclerose múltipla de placas uma década depois, em 1967 – um ano após a intempestiva morte do mais jovem. O assento de óbito dá-nos Fidelino como *«Professor do Liceu, aposentado»*, mas há 30 anos que já não exercia a docência no ensino liceal.

Quais foram as bases intelectuais que aproximaram estes dois homens de gerações diferentes? Ambos se desiludiram de ideários políticos e sociais assumidos em um primeiro tempo. Fidelino fora católico e monárquico, integrando-se depois no sidonismo e em seguida na procura de um novo Sidónio – que entreviu em Filomeno da Câmara – que fosse capaz de conduzir o país para uma ditadura militar de tipo carismático, cuja oportunidade única, porém, se havia perdido. Ciente de que os rumos depois seguidos não eram os mais desejáveis, abandonou a política, como aliás a

nova Situação pretendia: que os homens de pensamento se ocupassem unicamente do Espírito. Já Delfim Santos não seria tão favorável ao papel político dos militares, nem provinha de família castrense como Fidelino de Figueiredo, embora na sua juventude tivesse cogitado seguir uma carreira militar (SANTOS 2016, 247).

Ambos partilharam o combate ao positivismo reinante na universidade portuguesa, cuja Faculdade de Letras de Lisboa, para a qual Delfim Santos acabou por ser cooptado, Fidelino de Figueiredo designa, neste carteio, depreciativamente como «*escola*», provavelmente ferido com a rejeição que por parte dela sentiu. Também se interessaram ambos pela obra de Hermann Hesse, e coincidiram igualmente no interesse por uma etnopsicologia do povo português, a que Delfim Santos chamaria «*caracterologia cultural*» e Fidelino «*ensaio de interpretação da alma*» nacional.

Fidelino de Figueiredo foi um grande escritor de cartas (o acervo passivo conservado ultrapassa as 11.000) e também editor de epistolografia (FIGUEIREDO 1921), porém teve a intenção de destruir a correspondência que recebera, ato de que foi demovido pelos seus familiares (RODRÍGUEZ 2012, 40). Da quase meia centena de peças subsistentes da sua correspondência com Delfim Santos, todas as missivas de Fidelino teriam estado a salvo, já que o seu correspondente arquivava virtualmente tudo (excetuando os envelopes); do lado de Delfim Santos apenas se teria salvo o período de Viena e Berlim em que ele por regra guardou cópias, feitas a papel carbónico, dos datiloscritos enviados.

Delfim Santos chama «mestre» a Fidelino e é bem parco a conceder este título, que reserva para uns poucos homens da estatura de um Henri Bergson ou de um Hermann Hesse entre os estrangeiros, e entre os portugueses para Teixeira de Pascoas, Leonardo Coimbra ou Teixeira Rêgo. Esse reconhecimento e essa admiração dizem-nos muito sobre ambos: sabemos que Delfim Santos não aceitava o discipulado como uma relação passiva, mas que para ele o verdadeiro mestre era um mestre de mestres, e não

de discípulos. Foi isso que Fidelino teve o raro condão de conseguir ser, quer no Brasil, quer em Portugal, encorajando sempre as vocações dos mais jovens em espírito de total abertura e generosidade. E foi deste modo que logrou deixar uma duradora impressão em Delfim Santos, o seu examinado de 1934.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Antônio Soares (1994) Fidelino de Figueiredo na origem dos estudos de Literatura Portuguesa no Brasil, *Estudos Avançados* 8(22), (set./dez), São Paulo, 423-426.
- ANON. (1944) Notas – Fidelino de Figueiredo, *Litoral, revista mensal de cultura* 1, (jun.) Lisboa, 101.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1921) *Cartas de Menéndez y Pelayo a Garcia Peres, publicadas com prefácio e notas por...*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- _____. Fidelino de (1940) O último sofista, Nuno Fidelino de FIGUEIREDO & Claudio GIORDANO, orgs., *Fidelino de Figueiredo visto por ele e pelos outros*, tomo 1, São Paulo: EDUSP, 236-237.
- KALWA, Erich (2004) *Die portugiesischen und brasilianischen Studien in Deutschland (1900–1945): ein institutionengeschichtlicher Beitrag*, Frankfurt: Domus.
- PAIVA, José Rodrigues de (2014) De Fidelino de Figueiredo e Jordão Emerenciano à ABRAPLIP: os estudos de literatura portuguesa no Brasil, *Revista Ininga* 1, (vol. 1), 4-16: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/ininga/article/view/3192/1812>.
- RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez (2012) Fidelino de Souza Figueiredo (1888-1967) – o homem e a obra, Nuno Fidelino de FIGUEIREDO & Claudio GIORDANO, orgs., *Fidelino de Figueiredo visto por ele e pelos outros*, tomo 1, São Paulo: EDUSP, 33-56.
- SANTOS, Delfim (1955) Música e pensamento de Fidelino de Figueiredo, *Diário Popular*, Lisboa, 26.01, 6 e 11.
- _____. (1998) *Obras completas* 4, org. Filipe Delfim Santos, Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.
- _____. Delfim (2016) Autobiografia, *Nova Águia* 18, (2.º sem.), Zéfiro, Sintra, 244-250.